

FALA AÍ, PROFESSOR/A!

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães*

Msn. Jordana da Rocha Bittencourt**

Resumo

Esse espaço de nossa revista é destinado para você conversar conosco sobre algumas situações que ocorrem em sua escola. Assim, estaremos nesse diálogo indicando algumas possibilidades de trabalho para a promoção de uma educação para sexualidade em sua escola.

Prezadas editoras. Escrevo, pois não sei como proceder com uma aluna. A menina me relatou que depois que postou no facebook algumas fotos sensuais, exibindo seu corpo, está sofrendo muito. Seus pais não falam mais com ela e seus colegas debocham e a ofendem. Ela não entende os motivos que levam essas pessoas a agirem dessa forma com ela, pois acredita que não fez nada de errado. Devo interferir? O que posso fazer para ajudá-la?

Olá colega. Esse teu anseio vem ao encontro de alguns fatos parecidos que professores e professoras nos relatam. Hoje observamos muitas/os adolescentes exibindo seus corpos na redes sociais. Assim, respondemos a tua primeira pergunta, afirmando que deves interferir no caso dessa aluna, não apenas para ajudá-la, mas propomos que este seja um trabalho realizado com toda a turma. Na mídia, são visibilizados os corpos femininos, marcados pela sensualidade e beleza. Cabe uma discussão com essas/es adolescentes sobre o eixo público/privado. Assim, não entramos no juízo de valores sobre a vontade dessa menina de fotografar seu corpo e achá-lo bonito, mas de problematizar o quanto isso é da esfera privada e pessoal. Outra discussão que poderá ser realizada na turma está relacionada às questões de gênero. A visibilidade que o corpo feminino adquiriu nas últimas décadas, principalmente nos meios de comunicação, tem-no colocado como objeto a ser desejado, tanto por homens quanto por mulheres seja em um padrão estético almejado, seja para venda de mercadorias. Tais representações têm norteado algumas construções acerca dos corpos e dos sujeitos masculinos e femininos.

*Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

**Mestranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

Prezadas editoras. Eu tenho uma aluna que relatou um caso de violência sexual. Um dia, chegando na escola, um homem a levou a casa dele e a estuprou, dizendo que se ela contasse o fato para alguém, ele a mataria. Sua mãe percebeu que havia algo errado e levou-a ao médico, que constatou o estupro. Como devo proceder em casos como este?

Olá, professora. A violência sexual é uma das práticas que mais causa danos no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Cabe destacar que existem diferentes modalidades de abuso sexual, cometidas contra crianças e adolescentes, sendo diversos os modos de sua expressão, não se limitando às agressões físicas e psicológicas relacionadas ao ato sexual. Respondendo a tua pergunta, destacamos que existem definições e artigos na esfera legal, que objetivam proteger a criança e o/a adolescente. O artigo 227 caput, da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirmam que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao/a adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los/las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O ECA orienta que, em caso de transgressão, é obrigatória a notificação dos casos, independente da certeza ou confirmação dos fatos. O simples fato de suspeitar de algum caso de abuso deve ser comunicado ao Conselho Tutelar de tua cidade, conforme aponta o artigo 13, do ECA. É importante apontar que a legislação obriga a efetuar a denúncia, sob risco de punição administrativa, se for feito. O art. 245 do ECA aponta que serão multados/as os/as profissionais que atuam em estabelecimentos de saúde e educação que não comunicarem aos órgãos competentes os casos de abuso e maus tratos contra crianças e adolescentes.

Assim, professora, entendemos a importância de encaminhares a denúncia através do Disque 100 ou do Conselho Tutelar de tua cidade.

Prezadas editoras. Tenho enfrentado certa dificuldade, pois não sei como lidar com um aluno. Desde que o pátio da escola foi dividido entre meninas e meninos, esse aluno tem se sentido perdido, já que antes ele ficava com as meninas e agora se vê obrigado a ficar junto com os meninos, que até o convidam para jogar futebol, mas ele não gosta. O que devo fazer?

Prezada leitora. Privar meninas e meninos de interagir através dos jogos e das brincadeiras no pátio da escola não possibilita que esses sujeitos possam conviver e construir relações de respeito. É importante pensar o quanto esses sujeitos interagem em outras tantas instâncias sociais, que não só a escola, não tendo separações e demarcações de espaços. Gostaríamos de problematizar contigo o quanto a separação do pátio acaba reforçando as questões e diferenças de gênero. O fato de considerarmos os meninos mais brutos e que podem machucar as meninas, pois elas são frágeis, acaba por (re)produzir algumas representações de que os meninos gostam de brincadeiras violentas e agitadas e as meninas de atividades mais passivas e calmas. O que esse aluno nos sinaliza é a importância de possibilitarmos, na escola, espaços em que meninos e meninas possam brincar, jogar e interagir naquilo que preferem e não apenas no que é dito como o mais apropriado para cada gênero.

Olá editoras. Sou diretora de uma escola em Rio Grande e não sei como proceder no caso de um aluno de 15 anos que está há apenas um ano em nossa escola. Ele assumiu publicamente que é gay e, desde então, está sofrendo bullying tanto pelos colegas quanto por alguns/algumas professores/as. Os/as colegas o ofendem e o ameaçam. Os/as professores/as assistem a tudo isso e não fazem nada; melhor, fingem que não estão vendo o que se passa com esse menino. Ele veio até minha sala e me contou sua história, que na escola anterior tinha sido até agredido fisicamente e está com medo de que isso aconteça aqui. Não sei o que posso, como diretora, fazer, para que ele não desista de seguir estudando.

Querida leitora. Obrigada por trazer essa questão que é tão importante para todos/as nós, professores/as, alunos/as e cidadãos/ãs em geral. Infelizmente, a homofobia é um tema bastante comum em nossas escolas. Nesse espaço, os/as professores/as devem atuar no combate à violência e discriminação dos sujeitos vistos como "diferentes". Portanto ninguém tem o direito de excluir, perseguir ou insultar, o/a aluno/a, por ser ele/a homossexual ou não. Este tipo de atitude, a homofobia, acaba afastando esses/as jovens da escola. Nesse contexto, percebo que estimular o debate sobre o assunto, nesse espaço, ajudaria para que as pessoas pensassem um pouco mais a respeito desta questão, já que atitudes dentro da escola refletirão

fora dela, se buscamos uma sociedade justa e livre de preconceitos.

Escrevo pedindo alguma orientação no caso de uma menina que temos em nossa escola. Ela usa roupas justas, decotadas; parece essas “piriguetes”. Além disso, uma professora pegou ela e mais outra menina acariciando as partes íntimas de um menino, dentro da escola. Chamamos, enquanto supervisão, as meninas, seus pais e aplicamos uma advertência para cada uma. Se elas continuarem com as mesmas atitudes, o que posso fazer?

Colega. Primeiramente, gostaríamos de problematizar contigo o fato de a escola só ter conversado e punido as meninas. Isso mais uma vez reforça alguns estereótipos de gênero que são construídos em nossa sociedade, por exemplo, apontar as meninas como “piriguetes” e que elas são as “culpadas” por “provocar” os meninos. O que sugerimos é promover na escola atividades sobre as questões de gênero e sexualidade, possibilitando que meninas e meninos possam refletir sobre essa temática. Não falar sobre o assunto só aumenta as dúvidas, os questionamentos e a (re)produção desses estereótipos por parte desses/as jovens. Também é interessante discutir o uso de determinadas roupas em certos locais, entendendo que dependendo do espaço em que estamos, algumas formas de se vestir e posicionar são mais apropriadas. A promoção desse debate, e a formulação de questões possibilitam discutir diferentes formas de pensar sobre um mesmo tema, a sexualidade, sem impor o que é certo e errado. Assim, proporcionar informações, de forma responsável, sobre sexualidade permite ao jovem decidir de que maneira vai construir suas atitudes.